A HISTÓRIA OFICIAL

Os TITÃS, entrevistados durante as gravações do novo disco, relembram sua trajetória dos porões paulistas à consagração nacional

Dimitri Lee

Paulinho Muniz/Azul

Como foram os primeiros contatos de cada um com a música?

Marcelo Lembro que, quando eu era criança, ouvia muito *Tropicália* e Beatles. Com uns 15 anos, fui ter aulas de violão com Luiz Tatit (*do grupo Rumo*). Sabia tocar quase todas do João Gilberto. Eu tocava violão! Hoje em dia, não sei mais. (*risos*) Cheguei a aprender clarinete, mas parei quando foi preciso ler partitura. Eu não consigo nem ler jornal.

Toni Eu ouvia Roberto Carlos e gostava muito de *Yellow Submarine*. Aos 11 anos, decidi que seria um guitarrista de rock. Vi uma matéria numa revista sobre a morte de Jimi Hendrix e fiquei muito impressionado. Comecei a aprender violão e só aos 14 anos é que fui ter uma guitarra.

Nando A minha primeira lembrança é de um disco de sucessos que tinha (*cantando*) "Eu vou voltar aos velhos tempos de mim..." Era "Casaco Marrom" e eu adorava. Entre meus irmãos mais velhos, haviam duas correntes: a do rock e a da MPB. Lembro de ter assistido a shows antológicos de Gil e Gal. Ouvia também Beatles e Led Zeppelin. Tempos depois fui aprender violão e tive até aulas de bateria com uma velhinha. Só comecei a tocar baixo nos ensaios dos Titãs. O mais curioso é que, até então, achava o baixo um instrumento muito chato.

Branco Comecei a ouvir música através do meu pai. Além da bossa nova, ele era apaixonado por cinema e me levava para ver aqueles musicais da Metro. Eu adorava esse tipo de filme. Lembro que eu gostava muito do Roberto Carlos. Mais tarde, comecei a tocar violão, mas era um cara desafinado. Tinha que inventar, e não aprender. Eu e o Marcelo fazíamos músicas absurdas. Chegamos a mandar uma música totalmente doente para um festival da Brahma. Nos Titãs eu só canto, mas já compus no baixo, violão e guitarra. Tenho uma certa musicalidade meio esquisita. Eu não consigo, por exemplo, cantar músicas dos outros.

Paulo Quando garoto, gostava de cantar "Help",

Acima, seis Titãs junto ao produtor de *Televisão* (85). Na página ao lado, uma das primeiras fotos para a divulgação dos shows (original de 83)

dos Beatles, e "Pata Pata", da Miriam Makeba. No meu prédio tinha uma banda que era puro ruído. Eu tocava escaleta de boca. Nessa época ouvia Led Zeppelin e Deep Purple. Por volta dos 12 anos, fiz aulas de violão. Depois comecei a tocar piano por causa de uma música do Alice Cooper. Tive aula com uma professora piradíssima, que sapateava ao lado do piano. Mais tarde estudei notação com uma flauta transversal e passei para o sax sozinho.

Charles Desde pequeno, sempre tive algum contato com instrumentos de percussão. Ironicamente, o primeiro brinquedo que ganhei foi um tambor de metal. Anos mais tarde, toquei bumbo na fanfarra do colégio e até agogô numa escola de samba do bairro. Decidi que iria tocar bateria com 14 anos, seduzido por Led Zeppelin e Deep Purple. Fui um autodidata. Quando meus pais saíam à noite, juntava os móveis da sala, botava os discos no último volume e tocava junto. Demorou uns dois anos para meu pai perceber que, se não me desse uma bateria, eu iria destruir a casa toda. Antes disso, eu me virava com a bateria dos outros.

Sérgio Comecei a gostar de música muito mais tarde do que deveria. Até os 13 anos, esse não era o meu lance. Queria ser pintor. O interesse por música veio por causa da minha irmã. O primeiro disco que gostei foi *Help*, dos Beatles. Com 15 anos, tive aulas de piano e, depois, passei para o violão. Não tocava com ninguém. Ficava compondo em casa, sozinho.

Arnaldo Durante a infância, me lembro de ouvir música clássica. Meu pai era concertista de piano. Depois, passei a ouvir desde um disquinho do Moacyr Franco até Beatles. Ainda criança, era fascinado pela Jovem Guarda. Comecei a comprar discos sem conhecer nada. Ia para a cabine da loja e, se gostasse, comprava. Fiz aulas de violão, mas nunca tive paciência. Não me achava capaz de fazer música. Preferia inventar uma harmonia para poder cantar. Até hoje não sei cantar direito. Comecei a compor com o Paulo; ele musicava minhas letras. Já nos Titãs, letra e melodia são feitas em conjunto, apesar de eu ter maior domínio da linguagem verbal.

Vocês passaram por várias bandas antes dos Titãs — Marcelo, Toni e Branco no Trio Mamão, o Nando com os Camarões e depois o Sossega Leão, o Paulo e o Arnaldo na Banda Performática...

Toni Foi freqüentando os shows do Colégio Equipe que conheci o Jorge Mautner e acabei abrindo os shows dele. Eu não estudava no Equipe, mas através do Barmack conheci o Branco e o Marcelo e formamos o Trio Mamão. Era meio MPB, maluco total.

Branco Uma vez tentamos mostrar a música "Alcinos" para o Chacrinha e fomos barrados. Tinha também a música "Rainha Pretinha da Voz Africana",

*Nas duas últimas edições, os **TITÃS** narraram todo seu trajeto. Chega a vez de Õ Blésq Blom, numa entrevista realizada no mesmo dia em que os jornais saíam com as críticas ao disco. Irritados com algumas delas, mas sem perder o bom humor, os oito contra-atacaram*

Antes de comentar o último disco, que tal uma síntese da trajetória do grupo até *Go Back*?

Paulo Sempre foi do nosso interesse lidar com vários estilos diferentes, sem o menor pudor. Acreditamos na riqueza dessas diferenças. No *Cabeça*, fizemos um grande esforço para buscar uma identidade. Este LP, tido como o mais uniforme, na realidade traz todos esses elementos também: tem funk, reggae e rock. Então, acho que nunca nos distanciamos daquela vontade inicial.

Arnaldo De certa forma, houve uma limitação para atingirmos isso. Apontávamos para muitos lados, soando como várias bandas diferentes. A partir do *Cabeça*, conquistamos uma unidade. Agora essa unidade já é pressuposta e ganhamos a diversidade de volta, como trunfo, ou seja, arriscamos abrir novamente o leque sonoro.

Toni Nos primeiros discos, a nossa batalha era equacionar um repertório com várias tendências. Parece que no *Cabeça* isso se resolveu, mas na verdade não aconteceu de repente. Foi um processo. Também não nos interessa uma definição. O que vem pela frente é sempre muito sedutor. De certa forma, isso explica a nossa permanência juntos.

Arnaldo Acho que essa diversidade dentro da unidade, ou vice-versa, é uma boa definição. Cada um de nós é muito singular mas, ao mesmo tempo, os Titãs conseguem ser uma coisa só.

Vamos então falar sobre *Õ Blésq Blom*. Há algum motivo especial na escolha do título?

Marcelo Em geral, o título de uma música vira também o do disco. No caso do *Cabeça Dinossauro*, achamos que exprimia o conceito do disco. O *Go Back* tinha a ver com a brincadeira da volta, das crianças. Para este novo trabalho, pensamos em "Racio Símio" mas achamos que já tínhamos feito algo parecido em "Homem Primata", "Cabeça Dinossauro". Queríamos um nome diferente. Daí, eu e o Nando, como já havíamos escutado a fita do Mauro e da Quitéria, costumávamos cantar pedaços das músicas. Um dia, dentro de um avião, o Nando deu a idéia e...

Fotos Jorge Rosemberg/Azul

Arnaldo Só um bom tempo depois é que viemos a saber o que significa para o Mauro e a Quitéria. Quando o pessoal da Warner foi acertar os direitos autorais, perguntaram o que era "Ô Blésq Blom". Na cabeça do Mauro, quer dizer os primeiros habitantes da Terra. Achei bacana; ainda bem que é isso (*risos*). Por caminhos tortuosos faz sentido.

Para nós, isso passou a ser um conceito de som. Quando atingíamos um resultado que tinha a ver com a estética sonora, dizíamos: "Isso é ô blésq blom para c*".

Nando Passou a ser um adjetivo. Na verdade, optamos por esse título achando que não significava nada.

Como vocês conheceram o Mauro e a Quitéria?

Charles Uma vez, quando estávamos na praia de Boa Viagem, eu e o Nando encontramos um casal que ficava cantando em troca de dinheiro. Eles eram paupérrimos e o cara ainda era cego. Isso foi há uns dois anos. Na segunda turnê pelo Nordeste, encontramos novamente o Mauro e a Quitéria pela praia. O Paulo trouxe um gravador bem fuleiro e gravamos uma hora de fita. Depois ouvimos a fita junto com o Mauro. Ele nunca tinha se ouvido, parecia uma criança.

Paulo O Mauro marca o ritmo com umas coisas amarradas nas mãos parecendo um caxixi, enquanto a mulher dele faz uma segunda voz e bate palma. Ele faz uma mistura de todas as línguas...

Charles A partir desse dia, começamos a usar a fita nos intervalos do show *Go Back*. Depois, quando fizemos uma demo, o Paulo teve a idéia de usar o Mauro e a Quitéria em "Miséria". Mais tarde, isso tomou outra proporção, ou seja, pensamos em levar a música brasileira em consideração, como ela poderia ser aproveitada no nosso trabalho. Mas sem cair no lugar-comum, sem fazer fusão de baião com rock, essa coisa malfeita que tem por aí. Se as pessoas forem esmiuçar, vão encontrar elementos em cada faixa que remetem à música brasileira. Em "Faculdade" tem uma bateria eletrônica por trás em que a célula básica é um afoxé. Mesmo em "32 Dentes", a viola lembra um repente.

Como foi o processo de gravação do disco?

Marcelo Foi um pouco diferente porque houve uns encontros na casa do Paulo. Íamos todo dia para lá trabalhar num miniestúdio.

Paulo Chegamos a registrar mais de trinta músicas, a maioria delas composta lá.

Arnaldo Nesse disco não tem nenhuma música de um autor só.

Toni Antes de começar o trabalho, existia a idéia de um álbum duplo. Isso gerou um maior número de canções. A partir de um certo momento, percebemos que o ideal seria enxugar, tirar o supra-sumo.

Como chegaram, então, às dez músicas do disco?

Nando Tínhamos certeza sobre oito músicas. Fizemos uma demo em cima delas num estúdio em São Paulo, com o Liminha.

Arnaldo Esse processo envolve muita discussão, é desgastante. Mesmo essas oito não foram unânimes.

Paulo E esse é só um dos níveis da discussão. Existem outros como a interpretação, o arranjo...

Quais são os critérios para a distribuição do vocal?

Paulo Varia de acordo com a canção. Às vezes, o cara compôs a melodia e já está cantando com uma marca de interpretação própria.

Arnaldo Nesse disco, havia músicas que mais de uma pessoa queria cantar. Então, nesse caso, a banda acabou decidindo.

Nando Aconteceu pela primeira vez um caso de divisão dos vocais. O Paulo e o Britto cantam duas músicas juntos.

Toni Tem de haver um equilíbrio entre os cantores para um não cantar mais que o outro.

Ainda há pouco, falou-se sobre a possibilidade de um álbum duplo...

Toni Mesmo nos outros discos, havia muita dificuldade na escolha do repertório. Às vezes, músicas boas acabam ficando fora por causa do espaço. Então, a idéia era colocar tudo, canções mais cruas, outras mais sofisticadas, para dar uma amostra forte do trabalho. Acabamos descobrindo que o segredo para ser ainda mais forte estava no fato de tirar até mais do que gravamos normalmente (nossos discos sempre tiveram mais de dez músicas). A idéia do álbum duplo ajudou muito, porque possibilitou olhar para uma gama maior de canções.

Nando Num estágio posterior, optamos por trabalhar mais, durante mais tempo, sobre as músicas escolhidas, porque entrar num estúdio para gravar vinte músicas é sempre difícil. Talvez, até por isso, essa pseudo falta de linearidade que alguns vêem no disco seja um puta engano. Na verdade, tratamos dessas músicas com a mesma intensidade. Elas são absolutamente irmãs e presas umas às outras pelo jeito como foram feitas e elaboradas dentro do estúdio. Não foi casual.

Arnaldo Cada música desse disco é muito especial. Apesar da grande autonomia de cada uma, não diminui em nada a unidade que elas fecham em torno de um conceito.

Charles Quem tem essa opinião está acostumado com bandas com um número menor de integrantes. Obviamente, os caras podem alcançar uma coisa mais parecida, gravar um disco em cima de um tema só. Mas, desde o primeiro disco, os Titãs vêm provando que não funcionam desse modo.

Sérgio O mais imbecil nessa argumentação é que isso não serve como critério de valor. Você pode ter um disco com uma unidade incrível e ser uma bosta e um outro com diversidade e que seja brilhante. Para variar, é uma premissa errada. Então, não dá para discutir nada.

Arnaldo É claro que é muito mais fácil alegar falta de unidade do que ter o trabalho de detectar as relações internas no disco. Ele foi recebido pela imprensa numa segunda-feira à noite e as críticas saíram publicadas na quarta. É claro que o disco foi pouco ouvido.

Toni Se você for analisar, vai ver um elemento "Ô Blésq Blom" em todas as canções. E o que é isso? É uma certa estranheza, uma sonoridade contrastante como um violão de doze cordas junto a uma guitarra. O que já existia intuitivamente, agora está se clareando. Quando fizemos o *Cabeça Dinossauro*, aquele conceito parecia estranho. Agora qualquer um entende. Ele já foi maturado.

que o Belotto fez em homenagem a Clementina de Jesus. Um dia ela estava em SP e fomos até o seu hotel. Era um domingo, Dia das Mães. Chegamos com dois violões e uma super 8. Quando ela ouviu a música, começou a chorar e depois nos deu uma bênção.

Marcelo Fomos peitudos na época. Conseguimos um patrocínio da Levi's e tínhamos até outdoor em SP. Fizemos um show no Teatro Bixiga com araras no cenário, meio tropical. Lembro que eu usava um macacão vermelho com lantejoulas. Era uma festa. Depois do Trio Mamão, nos juntamos ao Salem (*hoje, no Clínica*), Beto Freire, Macalé e Ricardo Villas-Boas (*ex-Zero*) e formamos a banda Maldade.

Nando Vocês tocavam músicas do Tim Maia, não é? Era um lance meio funk. Já tínhamos essa coisa de compor, de fazer e acreditar. Em 1979, fiz "Pomar" e apresentei no Festival Secundarista do Colégio Santa Cruz. Formamos uma banda — Os Camarões — com instrumentos emprestados. Acabei ganhando o festival. Mais adiante, teve o 2.º Festival da Vila Madalena e fomos classificados com "Cheiro de Beterraba", uma música da Vange (*ex-vocalista do Nau*), minha prima. O Paulo e o Arnaldo também inscreveram uma música e a Continental acabou lançando um disco desse festival.

Paulo Minha primeira apresentação profissional também foi em 1979. Com um sax emprestado, fiz um arranjo para uma música do Chico Evangelista, no Festival da Tupi. Também participei com o Arnaldo da Banda Performática; era divertidíssimo. Eu musicava textos enormes do Aguilar.

Arnaldo Era muito caótico. Eu fazia uma performance com uma mala cheia de objetos. Inventava atividades inúteis, como pentear um disco, bater panelas ou jogar uns livros para o alto.

Paulo Para transformar isso em disco foi esquisito porque o lado musical era apenas um dos aspectos. Paralelamente, fiz shows com Fernando Salem em outra banda, chamada Bom Quixote.

Charles Eu cheguei a tocar em várias bandas, algumas ao mesmo tempo. Comecei com a Zero Hora, fui para Zona Franca, passei pela Santa Gang e acabei entrando no Ira!, em 1982. Toquei ainda nos Jetsons, com o Ciro Pessoa e o Branco, e no Cabine C.

Nando Eu fiquei como crooner no Sossega Leão depois que o Paulo saiu. Tinha noite com shows das duas bandas em locais diferentes. Durante uma semana saí dos Titãs, logo depois de gravar o primeiro LP. É que eu ganhava mais dinheiro com o Sossega.

Arnaldo Na verdade, essas atividades não têm nada a ver com os Titãs. São coisas que cada um fez no passado. Tem a ver em nível de experiência pessoal e pelo fato de se estar fazendo um trabalho do qual o outro toma conhecimento. Acho que os Titãs não vêm do trio Mamão ou da Banda Performática. Não! Os Titãs vêm dos Titãs porque começamos a cavar um som juntos. Outra coisa que deve ser esclarecida: o Colégio Equipe não era um lugar de criação. Simplesmente coincidiu de conjugar pessoas com vontade de criar.

Paulo Foi meio circunstancial. Durante a época do colégio não tivemos muito contato porque éramos — exceto eu e o Arnaldo — de classes diferentes. A primeira vez que nos reunimos foi para a "Fita das Musas". Eu e o Arnaldo chamamos as pessoas. Foi meio catalisador.

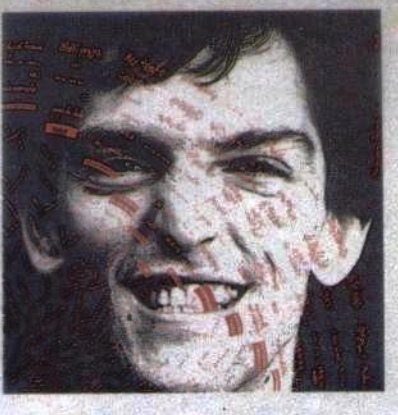
Marcelo Cada um escolhia a sua musa e gravava uma música. O Belotto fez uma para Yoko Ono. Foi a primeira vez que eu, Branco e Belotto nos reunimos com Arnaldo e Miklos. O Britto também estava.

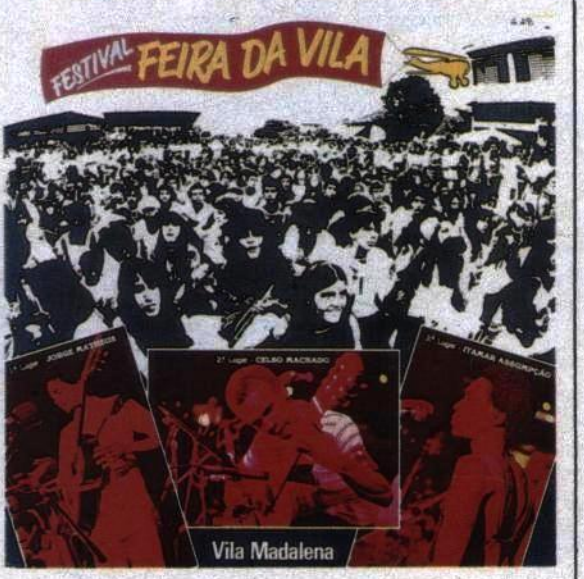
Paulo Além do Trio Mamão, tinha Ciro Pessoa e Fausto Fawcett, que o Arnaldo conhecia do Rio.

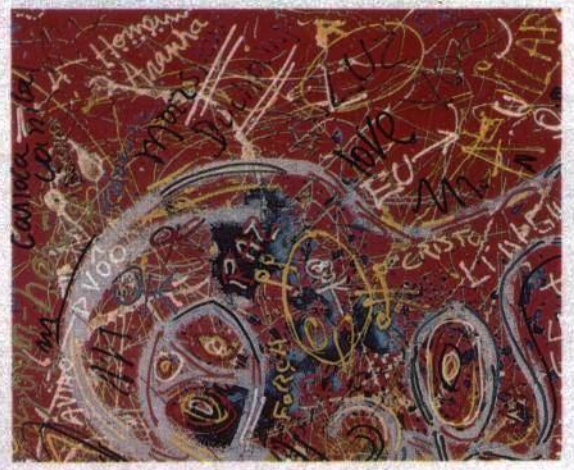
Arnaldo Tivemos o descaramento de lançá-la publicamente. A fita fazia parte de um kit com livreto sobre a gravação, incenso e poster com todas as musas.

Nando Eu não participei, mas fui ao lançamento da fita no bar Terceiro Mundo, e até toquei. A partir daí, começaram a pintar uns encontros. Teve o projeto *A Idade da Pedra Jovem*, um evento com várias partes.

Paulo Numa dessas partes, a banda de apoio saía e

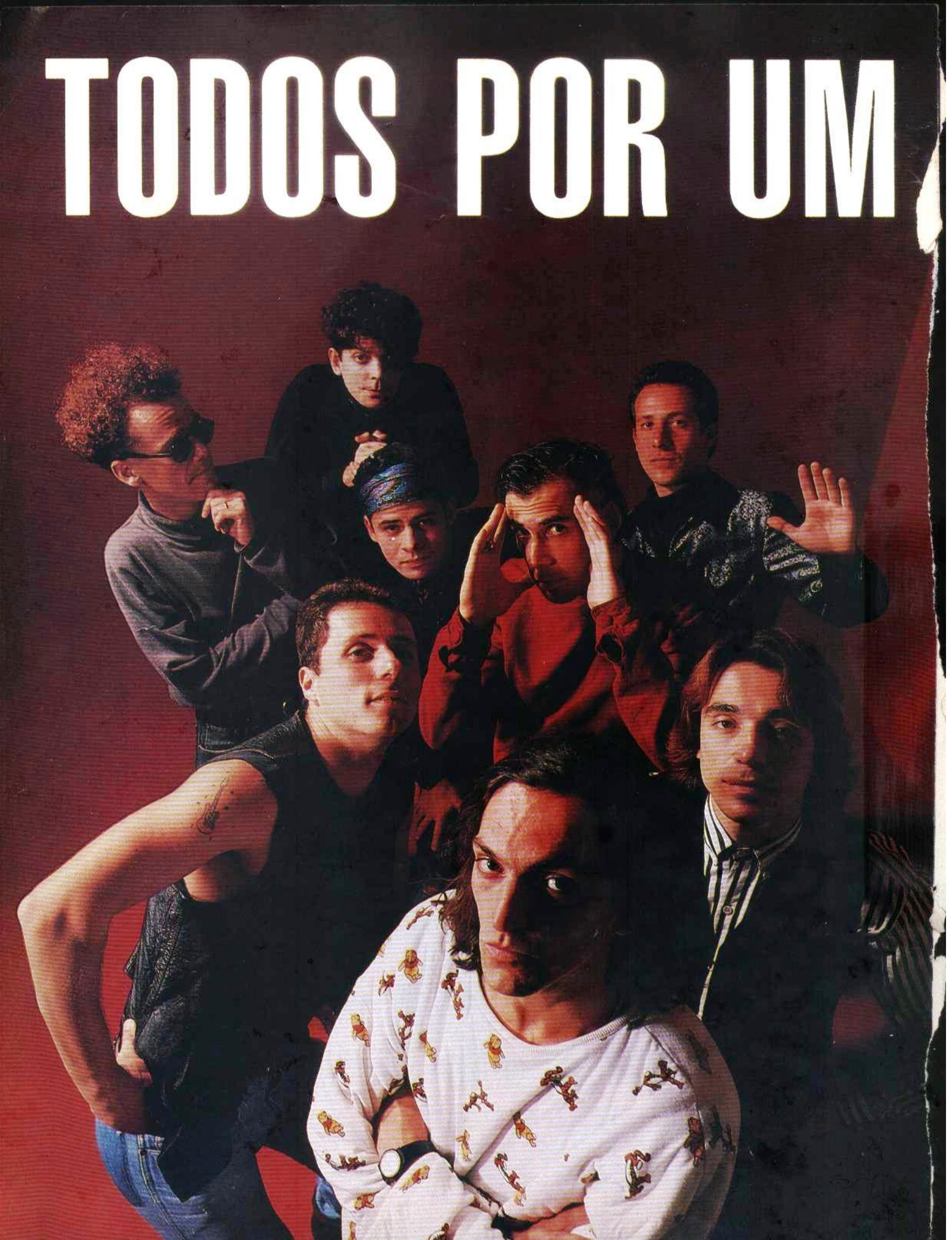






Vinil pré-Titãs, para os fãs caçarem nos sebos: *Festival Feira da Vila* (Continental, 80) contém "O Cheiro de Beterraba", com os Camarões de Nando Reis e Paulo Miklos cantando "Desenho", parceria sua com Arnaldo Antunes. Estes dois participam também de *Aguilar e Banda Performática* (indep., 82). No topo, as fotos de Paulo e Arnaldo na encarte do disco.

TODOS POR UM

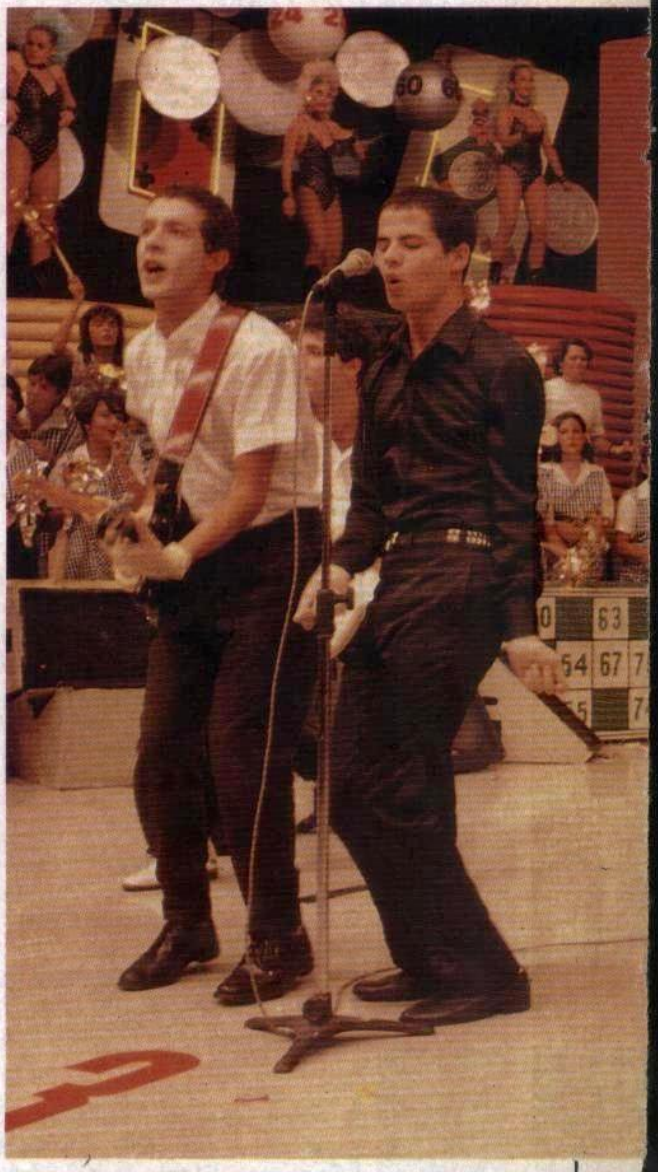


MELHOR GRUPO

A HISTÓRIA C

PARTE II

***Com o terceiro LP,* *Cabeça Dinossauro,* os TITÃS enxugam seu estilo e iniciam um novo capítulo na história da banda**



Além um pouco sobre a concepção do *Cabeça Dinossauro*, o terceiro LP...

Branco Para complicar tudo, houve a prisão do Arnaldo e do Bellotto. Quase acabamos. Estávamos muito fragilizados. Nos ensaios, começou a pintar uma cumplicidade, um respeito. Antes, tinha muita disputa estética, briga nas entrelinhas. Conseguimos superar isso e reverter todo esse baixo-astral. Essa postura foi fundamental para nossa sobrevivência. O *Cabeça* traz essa carga...

Toni O tom agressivo do disco não aconteceu só por causa da prisão. É também fruto do despojamento que sempre tivemos em nossa carreira. Fomos frustrados no desejo de fazer do *Televisão* um sucesso. Então pensamos: vamos fazer o que a gente quer com a nossa música. Se o *Cabeça* não vender, foda-se.

Nando O mais importante foi constatar a confusão estética: como vamos conseguir elaborar a nossa linguagem? Fomos até um ponto e vimos que era o caminho errado. Passamos, então, a tratar de outra forma aquilo que sempre usamos.

Arnaldo Além da busca de unidade, alcançamos uma sonoridade que não havia nos dois LPs anteriores. Ele soa mais agressivo porque tem som, não só pela concepção. Faríamos um disco assim sem que tivesse acontecido a prisão. Não é uma questão de causa e conseqüência. Seria dar importância demais ao baixo-astral que rolou.

Há quem considere o *Cabeça* bem próximo do punk, principalmente músicas como "Polícia" e "Igreja", temas explorados por bandas como Mercenárias e Inocentes...

Marcelo As Mercenárias não foram as primeiras a fazer música sobre a polícia...

Toni Se você faz uma música de amor, sobre a namorada que te abandonou, ninguém fica dizendo que isso já foi feito antes.

Branco Quer coisa mais legítima?! O Bellotto fez a música depois de ter sido preso. A polícia se meteu na vida dele...

Toni E a notícia ainda saiu nos jornais como se eu tivesse sido o dedo-duro do Arnaldo. Se essa música não tivesse sido feita, não teríamos sobrevivido.

Branco Não compactuamos com essa postura de certos setores da BIZZ, de defesa do verdadeiro rock'n'roll. É uma palhaçada.

Nando É uma avaliação tendenciosa. Se cabe esse argumento acusatório, por outro lado, existem coisas que jamais haviam sido ditas, como em "Igreja".

Marcelo Tem também a acusação de que os Titãs

Show de lançamento do primeiro LP, no extinto Rádio Clube (São Paulo, 84)

era brega aparecer no programa do Bolinha. Víamos uma modernidade em fazer um trabalho novo, diferente e, ao mesmo tempo, nos lançarmos na TV. Na época, foi meio estranho. Tinha o "momento do rock" e ficamos meio à margem. O lance era não se prostituir à TV. Fomos taxados de brega, de se expor. Mas depois, quase todos que tinham essa postura começaram a fazer TV também. Então, acho que demos uma adiantada no tempo. Era genial estar ao lado do Jerry Adriani, sem preconceito.

Marcelo Musicalmente, essa atribuição de brega é mentira. Regravamos "Marvin" e "Go Back" do primeiro disco. Tudo bem, têm outros arranjos, mas eram atuais. Foi um pouco de ingenuidade nossa. Fizemos dezoito programas *Barros de Alencar*, cantando "Sonífera Ilha" com coreografia e roupas coloridas, achando que seria uma ruptura, mostraria que dava para fazer algo lá dentro. Só que a TV te engole...

Nando O problema é que tínhamos a idéia de usar o *playback* da maneira mais completa. Não vamos fingir que estamos tocando, vamos criar alguma coisa. Não contávamos com este tipo de distorção. Acho que essa coisa de brega, como com o Dusek e o Premeditando, em SP, vira uma relação de paródia de quem está de fora e se acha melhor, capaz de apresentar o "brega" de um jeito engraçado. Isso não tem nada a ver com a gente. Com os Titãs era uma propensão legítima; já tinha feito a nossa identidade.

Arnaldo Essa utopia levou a gente a fazer muita cagada. Por exemplo, nos apresentamos toda semana no programa *Barros de Alencar* achando que aquilo era legal. Em nível de construção de imagem foi muito ingênuo, mas em nível de trajetória, isso teve um valor. Queríamos ser tratados como lixo.

Nando Cabe dizer que só fizemos o que queríamos. Até shows de *playback*...

Branco Era o jeito de participar do programa do Chacrinha. Em vez de a gravadora dar uma grana para comprar o espaço, a gente tinha de pagar fazendo apresentações promovidas pelo filho dele nos clubes da periferia do Rio.

Charles Nunca mais vou esquecer esses lugares. Uma vez visitamos um lugar em Nova Iguaçu que não tinha luz. Parecia o Iraque. Quantas horas amargamos em camarins esperando a nossa vez de entrar. Saíamos suados, direto para outro clube. Chegamos a fazer cinco numa mesma noite. Mas também éramos pagos pelos *playbacks*. No começo, eram de graça, mas depois nosso sucesso foi aumentando. A situação era tão absurda que se fizéssemos quatro ou cinco *playbacks*, tenho a impressão de que receberíamos tanto quanto um show. Eram um jeito de garantir o sustento e foram necessários para nos relacionarmos politicamente com o pessoal da TV. Tinha gente, como o Legião, que se recusava a fazer. Nós optamos conscientemente e não me arrependo disso.

Branco Em suma, éramos "os bregas". Não vendíamos porra nenhuma. O público que assistia à TV achava a gente meio doido, esquisitão e o público mais rock'n'roll achava a gente brega.

ficavam os Titãs do Iê-Iê. Já havia o revezamento nos vocais. O Nando tocava bateria e eu, baixo.

Arnaldo O resto do show era tocado por músicos mesmo, o Tuba, o Skowa. Nós não tínhamos nenhum conhecimento. Essa precariedade de não saber tocar, e a viagem das canções em si acabou sendo a coisa mais original. Éramos capazes de nos dedicar de corpo e alma a um projeto grandioso, com uma puta produção para tocar ao meio-dia, com mais gente no palco que na platéia. Os nomes das músicas eram muito engraçados: "Riacho de Ingratidão", "Menina Moderna".

Marcelo A idéia era fazer uma brincadeira com os galãs, mas não como chacota.

Nando Era muito legítima. Queríamos tratar essa estética romântica de um jeito nobre.

Sérgio Era uma forma de homenagem, de culto ao gênero. Esse é um dado marcante até o primeiro disco. Depois, fomos perdendo ou diluindo isso no meio do nosso trabalho.

Paulo Lembro que na época foi meio assim: "Quem vai tocar o quê?" Mesmo com dificuldade de pegar um instrumento, acabamos nos encontrando, até que chegou um momento em que realmente adquirimos técnica. O som começou a ficar pesado porque as pessoas descobriram e foram buscar aquela sonoridade.

Arnaldo Acho que muito da originalidade do nosso som é fruto dessa equação: não saber tocar, mas buscar uma maneira particular de executar uma música. Nessa primeira fase dos Titãs tinha uma consciência da potência artística dessas canções de AM, dos galãs. Sempre acreditamos numa cultura de ponta: ou para o lado do lixo ou para o da esquisitice, do conceitual. Mas essa ponte era uma coisa meio utópica.

Branco Lembro que tocamos músicas do Tim Maia, Roberto Carlos, Odair José... e era a sério.

Nando Imediatamente marcamos um show no Sesc Pompéia, em outubro de 1982. O repertório era gigante e não tínhamos baterista. Aí chamamos o André Jung, aliás, o Paulo é que o conhecia. Na verdade, éramos uns pretensiosos que desprezavam acuidade técnica.

Marcelo Eu não sabia que podia usar palheta. Meus dedos sangravam toda noite.

Sérgio Nessa época despertávamos um ódio quase inexplicável nas pessoas. A nossa postura no palco era uma forma de nos impormos. Com um número grande de pessoas rola uma coisa meio tribal. É verdade. Quando você toca, acontece uma espécie de celebração. Não sei se, sozinho, seria do mesmo jeito que sou com os Titãs e acho que o mesmo acontece com todos nós.

Marcelo Quando começamos, tínhamos uma filosofia de trabalho. Queríamos tocar, gravar. Resolvemos, então, tocar em qualquer buraco até que alguém nos visse.

Paulo Tinha uma coisa de deslocamento. No Napalm, por exemplo, que era uma casa onde as bandas punk se apresentavam, tocamos Noel Rosa com um arranjo completamente esquisito.

Toni Em todos os lugares, éramos os patinhos feios do rock. Teve até uma briga em Santos. Depois do show, saímos na rua de madrugada maquiados e com roupas coloridas e topamos com uma turma...

Arnaldo Se vestir, se maquiar e se movimentar no palco eram gestos tão naturais quanto tocar. Era um espetáculo, as pessoas vão te ver. A gente dava tudo mesmo. Sempre tivemos uma postura agressiva. Isso não veio a partir do *Cabeça*. Enquanto postura, sempre fomos muito violentos.

Toni Tem uma passagem que vale a pena citar. Antes de gravar, fizemos uma investida no Rio, no Circo Voador, em 1983.

Paulo Foi um absurdo. Tocamos depois de uma banda heavy metal. Era uma situação tão adversa que eu estava na beira do palco, um cara me puxou, levou o microfone e começou a gritar um monte de palavrões. Então, eu fiz um carinho nele (*demonstrando afeição*). O cara ficou totalmente fora de si e aí eu peguei o microfone de volta.

Sérgio Teve ainda aquela vaia homérica...

Arnaldo Foi quando eu cantei "Demais", uma balada brega genial. Aquela vaia alimentava a gente. Me lembro que cantei olhando na cara das pessoas. A gente se nutria de qualquer reação e usava-a a favor.

Sérgio Além de "Demais", várias músicas do primeiro disco faziam parte do repertório dessa época, como "Sonífera Ilha", "Pule", "Go Back", "Marvin". "Bichos Escrotos" foi uma das nossas primeiras canções. Aos poucos, fomos nos tornando conhecidos, assim como outras bandas. Nessa época, como todo mundo queria aparecer, o espírito era mais hostil do que amigável.

Arnaldo Não acho. Eu ia no show do Ira! e chapava. Só tinha esse sentimento em relação ao que tocava no rádio. Pensava: "Pô, o que a gente faz é muito mais legal do que o que está fazendo sucesso".

Marcelo Nós começamos a produzir umas fitas demo e mandamos para vários lugares. As respostas eram mais ou menos assim: não tem gancho, não tem apelo. Daí, o Peninha foi para São Paulo como olheiro da WEA...

Sérgio Ele é uma figura importante nisso tudo. Foi a primeira pessoa a detectar grupos novos. Os três exemplos mais óbvios são o Ira!, o Ultraje e nós.

Marcelo O processo normal naquela época era gravar um compacto e esperar. Depois, eventualmente, se fazia um LP. Recusamos o compacto porque para a gente não funcionava esteticamente.

Paulo Uma música não podia representar todo o nosso trabalho. Já tínhamos um repertório com músicas próprias, todas arranjadas. No fim, lançamos um LP, só que acabou saindo um compacto logo depois com a única música que foi trabalhada, "Sonífera Ilha". A mentalidade deles não mudou e acabou atropelando o disco. Outro dado importante é que, geograficamente, estávamos fora do circuito, vivendo em SP. Esse disco é uma demonstração das limitações que tínhamos. Gravamos num estúdio de jingles em SP, com uma produção superpobre. Mas é também um retrato fiel, porque fizemos exatamente o que queríamos. Colocamos todas as nossas idéias, os abusos...

Toni De certa forma, o resultado final ficou muito distante do que os Titãs faziam ao vivo. Ficamos deprimidos quando ouvimos.

Marcelo O que veio de bom foi o estouro de "Sonífera Ilha"...

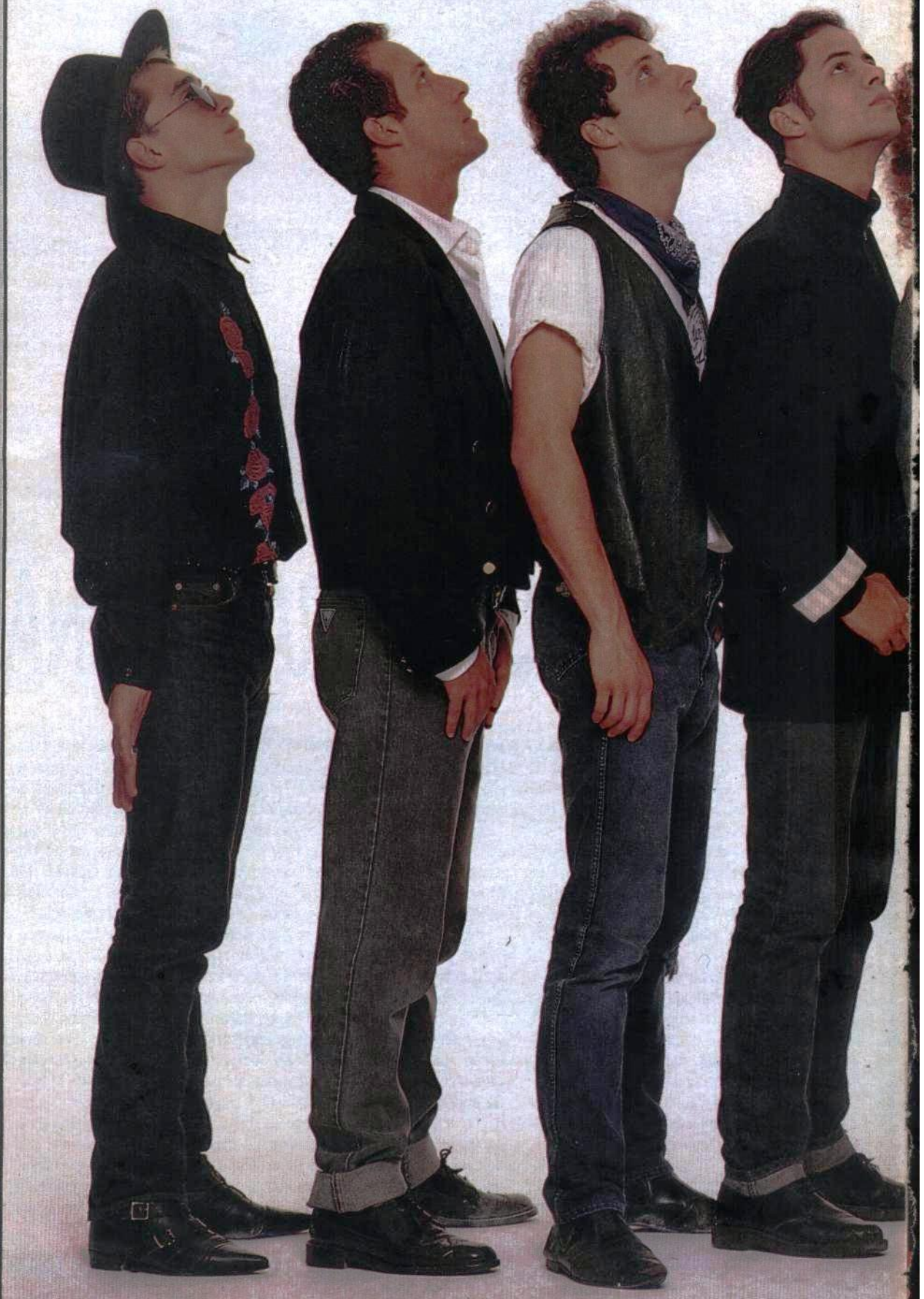
Arnaldo Foi legal porque passamos a ser ouvidos e assim fizemos shows no Brasil inteiro. Quem conhecia só essa música tinha uma surpresa porque contávamos com canções muito diferentes no repertório, com aquela agressividade toda. Daí vem esse mito de que éramos melhores no palco do que em disco. Mas eram os mesmos Titãs tocando no disco e no palco, só que o disco foi mal gravado, éramos imaturos...

Branco Ficou também essa coisa de brega porque

"Em todos os lugares, éramos os patinhos feios do rock" (Belotto)

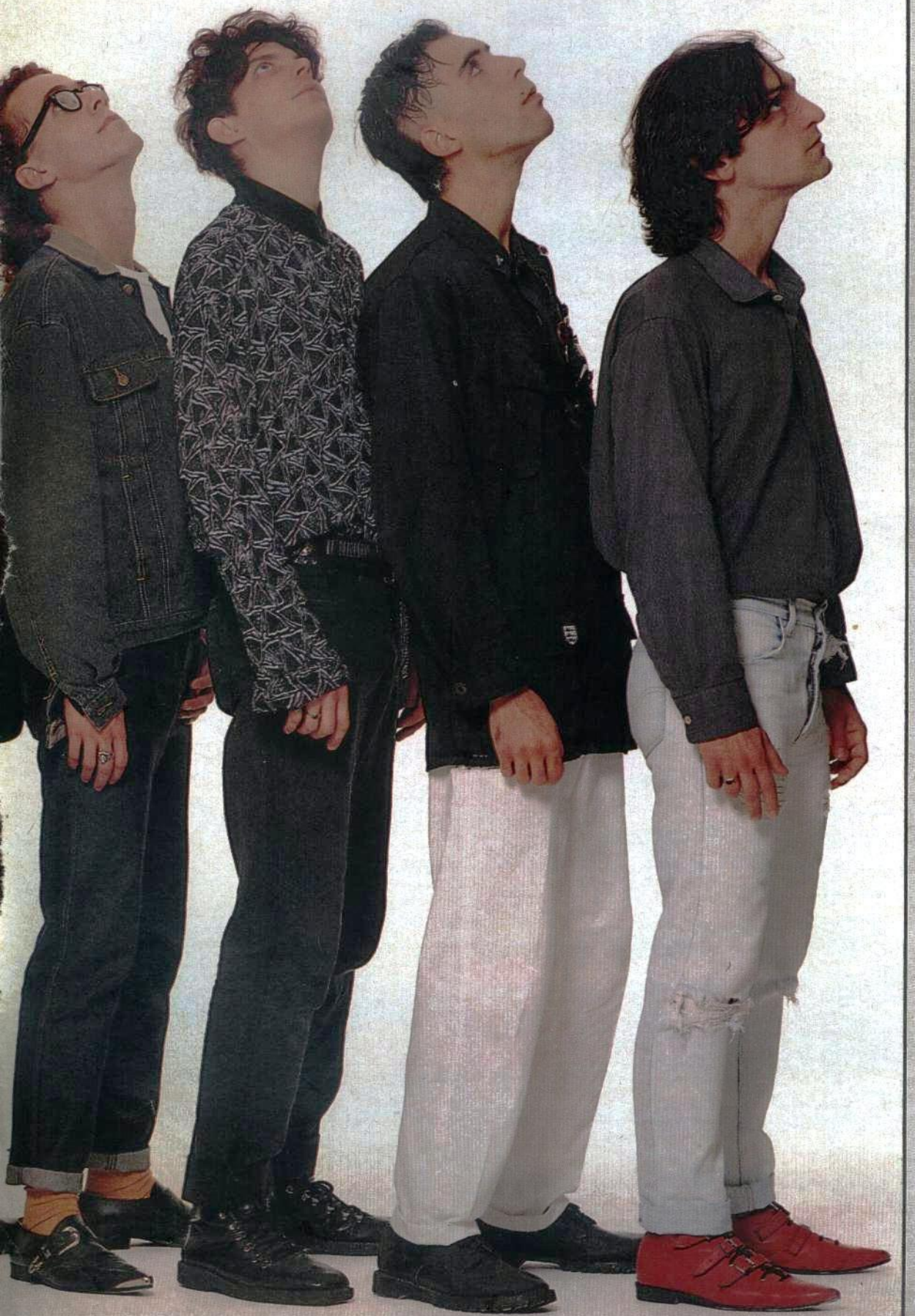
TITAS

GO BACK



O DISCO - O SHOW

..."Porque a nossa arte é o nosso jogo"... (TITÃS)



wea